

RELAÇÃO DO GRUPO INDÍGENA GUARANI MYBIÁ COM O MEIO AMBIENTE: ALICERCES DA AGROECOLOGIA

Raoni Kriegel Kriegel*
Edísio Oliveira de Azevedo**
Frederico Fonseca da Silva***

RESUMO: A abordagem desse estudo busca apresentar a relação do conhecimento do grupo indígena Guarani com o meio em que vivem. Mais do que produzir um resultado categórico, o texto tem como objetivo abrir um caminho para discussão e reflexão dos valores e conhecimentos tradicionais os quais são as bases e os alicerces da Agroecologia. A maneira que os guaranis realizam sua agricultura tradicional e o manejo dos recursos naturais evidencia íntima relação com o meio ambiente. A articulação do conhecimento tradicional com a ciência moderna proporciona grandes avanços para o entendimento da relação humana e produtiva com o meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia; Pensar Indígena; Meio Ambiente.

THE RELATIONSHIP BETWEEN THE INDIGENOUS GROUP GUARANI-MYBIÁ AND THE ENVIRONMENT: THE BASES FOR AGRO-ECOLOGY

ABSTRACT: Current analysis forwards the relationship between the knowledge of the indigenous group Guarani-Mybiá and the environment which they inhabit. The essay does not produce well-defined results but aims at discussing and reflecting on values and traditional knowledge which are the bases of Agro-ecology. The manner the Guaranis undertake traditional agriculture and the management of natural resources evidences their relationship with the environment. Traditional knowledge coupled to modern science provides big strides to understand human and production relationship with the environment.

* Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento sustentável na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar; Pós-Graduação Lato sensu em Agroecologia, pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR; E-mail: raonixingu@gmail.com

** Médico Veterinário; Doutor em Ciência Veterinária pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; Atualmente é Docente Adjunto da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, PB.

*** Engenheiro Agrônomo; Doutor em Irrigação e Meio Ambiente; Docente e Pesquisador do Instituto Federal do Paraná - IFPR.

KEY WORDS: Agro-Ecology; Indigenous Thought; Environment.

INTRODUÇÃO

Hoje, no Brasil, vivem cerca de 460 mil índios, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,25% da população brasileira. Cabe esclarecer que este dado populacional considera tão somente aqueles indígenas que vivem em aldeias, havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas. Há também 63 referências de índios ainda não contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista (FUNAI, 2012).

Nas últimas décadas, as comunidades indígenas no Brasil estão localizadas na sua maioria, em áreas de conflitos de terras (áreas de grileiros, exploração de madeira, cultivo de soja, pecuária extensiva, construção de usinas hidrelétricas, garimpos, entre outras) que contribuem para a formação de ilhas florestais e culturais, sobretudo, decorrentes da agricultura convencional e da falta de políticas públicas.

Esse estudo é resultado de experiências em duas áreas indígenas distintas, sendo ambas pertencentes ao grupo da mesma etnia Guarani¹.

A primeira aldeia está localizada no município de Piraquara (PR), na terra indígena Karuguá, que atualmente se chama Araçai, onde o primeiro contato aconteceu em 2006 e, posteriormente, foi realizado um projeto de extensão “Saúde e Informação Indígena” da PROEVE-UFPR (Núcleo de Projetos Especiais da Biologia). O mencionado projeto realizou um estudo e produziu um vídeo Chamado “Karuguá, Novas Raízes” (PROEVE-UFPR, 2008).

A outra região estudada foi a terra indígena Pindoty, localizada no Norte de Santa Catarina.

¹ O povo indígena Guarani é um povo transnacional, formado por várias etnias, que vivem no mesmo território tradicionalmente ocupado há, pelo menos, 2.500 anos. Seu território tradicional abrange o sul do continente Sul Americano, passando pelo Brasil, Paraguai, Argentina, Bolívia e Uruguai. No Brasil, o território Guarani se estende do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo, principalmente na faixa litorânea. E a população Guarani é a maior população transnacional do território, seguida pelos Yanomami e os Kaingang (MELLO, 2001).

Essa experiência decorreu de um trabalho de campo para elaboração do EIA/RIMA concernente à duplicação da BR 280-SC, em que nove aldeias seriam impactadas com os empreendimentos de desenvolvimento, que aconteceram na região.

A ideia foi realizar, posteriormente, um estudo de comparação das realidades socioambientais entre as duas aldeias.

A valorização do conhecimento tradicional e seu resgate ajudam à ciência moderna a entender as formas que os indígenas usam e se relacionam para manejar os recursos naturais disponíveis em suas áreas, tendo o entendimento das sementes, do solo, das matas e suas variações.

Essas informações abrem o leque de possibilidades para rever os conceitos dos múltiplos manejos agroecológicos em outras áreas, facilitando a produção sem dependência de energia e não utilizando insumos agrícolas de origens químicas, poluidoras e degradadoras do meio ambiente.

Segundo Caporal e Costabeber (2004), a opção pela terminologia “agricultura de base ecológica”, dentre os conceitos agroecológicos, tem a intenção de distinguir os estilos de agricultura resultantes da aplicação dos princípios e conceitos da Agroecologia (estilos que, teoricamente, apresentam maiores graus de sustentabilidade no médio e longo prazos), tanto do modelo de agricultura convencional ou agroquímica (um modelo que, reconhecidamente, é mais dependente de recursos naturais não renováveis e, portanto, incapaz de perdurar através do tempo).

2 METODOLOGIA

A coleta dos dados foi realizada mediante pesquisa qualitativa etnográfica² e fundamentada em revisão bibliográfica onde, para o desenvolvimento dessa revisão foram pesquisados livros, sites e artigos científicos, além de informações de estudos realizados nas regiões e nas comunidades Guarani.

² Utiliza-se aqui a definição de estudo etnográfico como um método que envolve longos períodos de estudos e observações de campo, no qual o pesquisador permanece em contato frequente com a comunidade estudada ou mesmo fixa residência na comunidade e passa a usar técnicas de observação, contato direto e participação em atividades. Neste método, a natureza do fenômeno influi na determinação (NEVES, 1996).

Já a pesquisa qualitativa ou o trabalho de campo, que deu base a este estudo, foi executado buscando uma compreensão particular de seu objeto, não se preocupando com generalizações populacionais, princípios e leis, mas se atentando ao específico ou peculiar, procurando, dessa forma, uma compreensão dos fenômenos estudados.

Assim, as técnicas qualitativas, segundo Nogueira-Martins (2001), proporcionam uma oportunidade para as pessoas expressarem seus sentimentos, com suas diferentes complexidades e intensidades, revelando como o mundo é percebido por elas.

Angrosino (2009) propõe o uso do método etnográfico para situações nas quais seja interessante conhecer a perspectiva de um público sobre questões específicas, de modo a contribuir para que as visões do grupo pesquisado não sejam determinadas pelas opiniões do pesquisador.

Dessa forma, com a observação *in loco*, foi possível descrever a utilização dos recursos ambientais disponíveis com a colaboração dos Guaranis em relatos.

Partindo destas premissas, neste estudo foram realizadas visitas frequentes, convivência diária, permanência de vários dias em contato com os informantes principais, pernoites nas aldeias, participação dos trabalhos nas roças, plantios e colheitas, caminhadas nas matas e nos rios, entrevistas abertas com os moradores mais idosos das aldeias, registro da denominação dos elementos naturais na língua indígena e a importância cultural de cada elemento, entre outras técnicas de observação participante, tendo a perspectiva dos diferentes tempos para os Guaranis.

Silva (2009) aborda a influência mútua estabelecida na interação entre o etnógrafo e o grupo estudado, a qual incide não só sobre a condição atual das pessoas, mas sobre a sua identidade e desenvolvimento.

Ou seja, ver as coisas como elas se apresentam aos olhos, sem julgar ou desejar que fossem diferentes, buscando a compreensão daquilo que se apresenta; e, além disso, ouvir diferentes pontos de vista, conferindo legitimidade, com uma escuta de abertura e acolhimento, jamais discriminadora (ROCHA; TOSTA, 2009).

Isso ajuda a entender como a agricultura é importante para a manifestação cultural, social e cosmológica para os indígenas.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

As entrevistas possibilitaram a análise da interação dos indígenas com o meio ambiente, bem como a avaliação do contexto ambiental nos arredores. Segundo Cristina e Borges (2012), as relações estabelecidas entre pajelança, imaginário e meio ambiente fazem parte do dia-a-dia dos índios. Maués e Villacorta (1998) relatam a existência de duas pajés que possuem um discurso ecológico e que, além de realizarem curas, têm como objetivo conscientizar as pessoas para a preservação da natureza.

Grande parte da experiência etnográfica desse estudo foi o convívio contínuo nas aldeias Guarani do Paraná e Santa Catarina, o que possibilitou os mais diferentes relatos.

De imediato, houve a interação com as crianças e jovens e, posteriormente, com os adultos e idosos, o que ofereceu um contraste interessante entre as gerações e suas formas de pensar.

Aos poucos, sem considerar a variável tempo ou até mesmo hora cronometrada, foi ocorrendo um aprofundamento da relação com estas pessoas, de diferentes faixas etárias e o conhecimento dos outros habitantes da aldeia, dentro desse entendimento etnográfico.

Nesse sentido, em momentos diferentes, se obtiveram relatos relacionados à vida guarani, à troca com o ambiente, à cosmovisão dos Guaranis, à forma de encarar o dia-a-dia e seus afazeres do cotidiano, que em tempos modernos trazem diferentes situações, seja do assistir televisão à noite, ou às frequentes idas à cidade para fazerem compras, venderem artesanatos e participarem de reuniões com os órgãos governamentais.

Segundo Stampf (2013), o convívio com os indígenas durante esta atuação permite grande riqueza de informações e de observações que podem contribuir para reflexões sobre percepções ambientais indígenas.

Constatou-se que a agricultura praticada hoje nas aldeias estudadas, em virtude de inúmeros fatores é, em geral, insuficiente para a subsistência. Contudo, mesmo assim, é bem diversificada, apesar da precariedade do solo e dificuldades que encontram para desenvolverem a prática agrícola tradicional.

De acordo com Alves (2001), muitas tribos indígenas dominavam sistemas sofisticados de produção que incluíam desde conhecimentos de calendários agrícolas baseados na astrologia, até sistemas de seleção e manejo de solos e diversificação de culturas, em função de uma correlação estabelecida pelo aparecimento de várias constelações e pela ocorrência de chuvas (RIBEIRO; KENHÍRI, 1987).

Nas aldeias visitadas no norte de Santa Catarina, as famílias cultivam milho, feijão, abóbora, batata-doce, amendoim, melancia, além de frutíferas como goiaba, banana, pitanga, limão, laranja, araçá, abacate, manga, jabuticaba. Além disso, verificou-se a existência de algumas espécies exóticas que foram introduzidas como o *Pinus elliottii* que é usado para algumas construções, além de seu uso como lenha. Suas terras apresentam baixos índices de produtividade, sendo muito ácidas, de características arenosas e localizadas em áreas de charcos ou em encostas.

As perdas das identidades indígenas nos processos físicos, produtivos e culturais são extremamente preocupantes. Frikel (1959) relata que os índios faziam a distribuição espacial das culturas no roçado de acordo com as diferentes espécies, sendo capazes até de desenhar um croqui da área.

Espécies como o palmito jussara (*Euterpe edulis*.) são consideradas extintas nas áreas Guarani, além de existir grandes dificuldades para encontrar a guaricana (*Geonoma schottiana* Mart.) utilizada para a cobertura das casas e taquara (*Bambusa* sp.), também muito utilizada na fabricação de fibras e para artesanato, já é encontrada com dificuldade e a longas distâncias.

Anderson e Posey (1991), investigando tribos da região norte do país, concluem que o modo como alteram a estrutura das roças ao longo do tempo parece seguir um modelo de sucessão natural dos tipos de vegetação da região. Assim, no princípio, cultivam espécies de baixo porte e vida curta (os chamados *pura nu*); a seguir, plantam bananeiras e grande diversidade de árvores frutíferas (os *pura tum*); finalmente, introduzem espécies florestais de grande porte (*ibê*), como a castanha-do-pará, que legam a netos e bisnetos. Os *puru tum* e os *ibês* são plantados em clareiras naturais ou artificiais, onde os índios concentram materiais orgânicos retirados de áreas vizinhas.

Na aldeia de Araçai, por estar localizada em uma área de mananciais de conservação, o grupo indígena não pode desenvolver a agricultura de coivara³ ou abertura de clareiras com fogo. Eles utilizam pequenas hortas nos arredores das casas e fazem as podas em sistemas agroflorestais, buscando cultivar e coletar frutos de plantas nativas.

Mas o milho, que é um símbolo na cosmologia para os Guaranis, não pode ser cultivado, primeiramente por que não podem abrir áreas de vegetação devido à legislação vigente do CONAMA⁴ e, segundo, por que as características edafoclimáticas não são compatíveis com as sementes obtidas pelo processo de escambo com outras aldeias do sul do País e do Oeste, algumas provenientes do Paraguai.

Inúmeros trabalhos etnográficos e etnobotânicos registraram a enorme diversidade de milho e as práticas utilizadas para o manejo da planta nos complexos sistemas de cultivo indígenas (NIMUENDAJU, 1946; SCHADEN, 1954; BRIEGER et al., 1958; LÉRY, 1961; SCHMIDT, 1967; NOELLI, 1993; FELIPIM, 2001). O tempo da plantação do milho é um momento sagrado na cosmologia Guarani, existe toda uma preparação da área e do solo, das sementes, do cajado de Nhanderu⁵. Existe reza para que cada semente venha a nascer (germinar) e dar frutos, tendo outra relação da terra com o fruto.

Contudo, Pedri (2006) afirma que o manejo tradicional do milho (*Zea mays* L.) em comunidades indígenas do estado de Santa Catarina apresenta um cenário de erosão genética e cultural.

As sementes normalmente são trazidas quando alguns indígenas se deslocam de sua região para visitar seus parentes, aproveitam para fazer trocas de sementes crioulas. Dependendo da região, as plantas são manejadas com um melhoramento genético massal, por seleção de espécies, dependendo da região e

³ Coivara é um regime agrícola rudimentar, tradicional de comunidades indígenas e quilombolas no Brasil. Inicia-se o preparo da terra a partir da derrubada da mata nativa ou limpeza da área a ser cultivada, seguida pela queima da vegetação remanescente, após o processo de juntá-las em uma reservada área para tal fim. Há, então, a plantação intercalada de várias culturas (rotação de culturas), como arroz, milho e feijão, durante 3 anos. A característica extremamente rudimentar dessa técnica agrícola leva ao rápido esgotamento do solo, fazendo com que as terras precisem ficar em descanso de 3 a 12 anos e causando a derrubada de grandes áreas de mata. Em algumas regiões, como no Vale do Ribeira, essa situação causa grande polêmica entre comunidades quilombolas e autoridades, na medida em que ameaça a mata nativa.

⁴ CONAMA Nº 10 de 14/12/1988, Lei Estadual 12.248, de 31/07/1998, que criou o sistema integrado de Gestão e Proteção dos mananciais da região metropolitana de Curitiba.

⁵ Nhanderu na língua Guarani significa Deus. Esse cajado simboliza o dedo de Deus que prepara a terra para a semente.

altitude, são escolhidas as espécies que melhor vão se adaptar ao ambiente. Sua agricultura também se estende para Permacultura e Agrofloresta, espécies pioneiras são utilizadas para alimentação, utilização da madeira e folhas.

A unidade de tempo contado para os Guaranis se rege pela lua⁶. Assim eles realizam podas em árvores, caças e plantios seguindo um calendário lunar.

Algumas árvores como o Pindó ou Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) servem como referência de que ali já moraram antigos Guaranis e, na cosmologia, essa característica traz sorte, serve como construção de algumas armadilhas.

Devido à baixa produtividade das terras, essa prática se limita em algumas áreas, sendo alternadas utilizando rotação de cultura e o sistema da queima: coivara. Algumas plantações são feitas em áreas distantes da aldeia. Há ainda plantações em encosta de morros, na busca de solo mais fértil. Contudo estas áreas sofrem o risco de erosão.

As roças tradicionais Guaranis podem ser consideradas sistemas de agrofloresta, devido à associação de plantas e cultivares. Estas roças de múltiplas culturas são denominadas por eles de “*cocué*”.

Elas são constituídas no meio da floresta e, geralmente, apresentam espécies que indicam aos Guaranis que são adequadas para estes tipos de plantio. Eles buscam fazer as suas roças em áreas que tenham exemplares da palmeira de pindó, jabuticabeiras, caixetas (espécies de madeira nobre como o cedro e canela) que são indícios de terras pouco exploradas pelos não índios, que moram no entorno da terra, e entram na mata para retirar espécies como cipó, samambaia, palmito, entre outras. Ainda tem moradores que caçam pequenos mamíferos nas terras indígenas.

3.1 ERVAS E PLANTAS CURATIVAS X MEDICINA TRADICIONAL

São muitos os remédios naturais que os Guaranis utilizam das matas e cultivados em suas roças perto de casa. Esses remédios são preparados a partir de raízes, folhas, casca de árvores e frutos, através de infusões de ervas, inalações, o mascar de algumas plantas, e mesmo a alimentação de algumas espécies de animais

⁶ De acordo com Ladeira (2001): “O calendário agrícola e os ciclos da lua codicionam o planejamento das demais atividades sociais e de subsistência da aldeia (visitas entre as aldeias, confecção e venda de artesanato, caça) De toda forma, é após a colheita do milho tradicional Guarani (aaxi etei) que realizam a cerimônia do batismo do milho e das crianças (nheemongarai)”.

são consideradas como tratamento para doenças do corpo. As doenças consideradas espirituais são curadas pelo *Cheramói* e *Chejhári Pajé*⁷.

Há também espécies muito citadas nos relatos, que não se encontram mais na região. Muitos relatos indicaram o mel da abelha Jataí, um remédio precioso para os Guaranis sendo também um bioindicador para matas com boa conservação de espécies e tem sido usado como remédio para vários males.

Esse mel é composto de diversas flores nativas das quais as abelhas recolhem o pólen. Porém, como essas flores não são encontradas nas matas de suas áreas, as abelhas não permanecem no local, morrendo ou migrando para outras áreas, causando um grande desequilíbrio no ecossistema.

Na busca do entendimento dessa relação profunda e antiga, procurou-se classificar esse enfoque como estudo etnográfico e ecológico, que Toledo (2000), define como sendo um enfoque interdisciplinar que estuda as formas pelas quais os grupos humanos veem a natureza, através de um conjunto de conhecimento e crenças; e como os humanos, a partir de seu imaginário, usam e/ou manejam os recursos naturais. [...] O mundo da sobrenaturalidade explica e cria as concepções de mundo, os expedicionários tentam desconsiderar a presença do mítico, mas remetem o leitor a esta viagem espaço-temporal, ainda hoje escrita com a presença do elemento maravilhoso (FARES, 2003).

Durante os relatos foram citadas muitas espécies utilizadas pelos Guaranis em suas terras, encontradas nas matas e manejadas por eles. No quadro 1, a seguir, foram listadas algumas dessas espécies.

Quadro 1. Espécies apontadas pelos Guaranis como manejadas e utilizadas em suas terras (continua)

Nome Popular	Nome Guarani	Uso e Manejo
Abóbora	<i>Andaí</i>	Cultivada, alimentar, medicinal
Bananeira	<i>Pacova</i>	Cultivada, alimentar
Batata-doce	Jety	<i>Cultivada, alimentar</i>
Cana de açúcar	<i>Takuaaree avaxi</i>	<i>Cultivada alimentar</i>
Cana do brejo	<i>Alouatta fusca</i>	<i>Cultivada, artesanato</i>
Cará	<i>Cará</i>	Cultivada, alimentar

⁷ Pode ser tanto Homem (Cheramói) quanto a mulher (Chejhári), que fazem a cura na Opy (casa de reza), com fumaça do Petynuá (cachimbo), fazem a cura e tiram as doenças espirituais.

(conclusão)

Erva de Santa Maria	<i>Kaá are</i>	Cultivada, Medicinal
Lágrima de Santa Maria	<i>Ka'pi i</i>	Cultivada para artesanato mítico
Feijão de corda	<i>Kumandá</i>	Cultivada, alimentar
Fumo	<i>Penty</i>	Cultivada para uso mítico
Milho	<i>Avati</i>	Cultivada, alimentar, uso mítico
Mandioca	<i>Mandió</i>	Cultivada, alimentar
Mamona	<i>Mbay syo</i>	Cultivada uso medicinal
Porongo	<i>I'a Jy'a</i>	Cultivada, uso artesanal

Fonte: Dados de pesquisa de campo

A coexistência com outras formas de vida traz um relacionamento íntimo dos Guaranis com seu meio, uma visão que interliga todos os seres a algo maior. Em muitos mitos presentes na cosmologia Guarani, um humano se torna animal e o animal se torna humano, formando um elo de parentesco entre certos animais e plantas, fazendo parte do meio que dividem.

Essa cosmovisão é, provavelmente, fruto de uma profunda reflexão desta cultura que correlacionam milênios de coexistência e observação com elementos da natureza, buscando a troca contínua entre seres naturais e sobrenaturais, no decorrer dessa e de outras vidas, sendo passadas oralmente para as gerações.

O homem moderno ocidental cada vez mais se distancia de sua origem animal, de seus instintos e estímulos com o meio. Esse distanciamento faz com que o homem deixe de ter essa conexão com os outros mundos e com seu próprio mundo interior, íntimo, se tornando individualista e egoísta, buscando grandes feitos materiais para provar para si mesmo que é superior às outras criaturas que aqui coexistem, mesmo que isso custe a vida de outras criaturas.

Nesse sentindo, aparece a grande diferença entre o pensamento indígena e não indígena. No mundo ocidental, seguem-se regras materiais, baseadas no aspecto econômico dos eventos, em um pensamento cartesiano, fortemente influenciado pelo cristianismo, que preconiza regras e esperança de que um salvador aparecerá e resolverá todos os problemas. Já os Guaranis buscam Deus dentro de si próprios e dentro de cada ser que habita esse mundo em seus cotidianos e nas pequenas ações. Essa interação com os Deuses, o respeito na compreensão da vida, vivenciando um ritual cotidiano e intenso.

É nesse contexto que se verifica que a busca de princípios e virtudes

relacionados ao desenvolvimento das práticas agrícolas evidenciam a falta de compromisso que a sociedade não indígena tem na produção de alimentos saudáveis.

E está diretamente relacionada com o vínculo que boa parte dos seres humanos tem com o meio em que vive, onde ele se enxerga no meio como superior a outras espécies, apenas preocupado com o retorno imediato baseado no sistema capitalista, buscando lucro a qualquer preço, envenenando a terra e as águas e nosso alimento, tendo a natureza como subsídio e alavanca para o acúmulo de capital e ascensão financeira. A busca por maior produção e vendas de produtos agrícolas fez com que a agricultura se tornasse apenas um grande negócio, perdendo a relação com a terra.

A observação dos povos tradicionais e sua relação com o ambiente estimulam a reflexão e reavaliação dos meios de produção agrícola desenvolvidos de forma convencional e suas relações danosas com o meio ambiente.

Os valores produtivos e culturais indígenas devem fazer parte do arcabouço conceitual da população não indígena, na perspectiva de fortalecimento do compromisso com a sociedade que pretende ter um desenvolvimento sustentável, tendo como referencial os princípios da agroecologia onde, segundo Altieri (2006), através da aplicação dos princípios agroecológicos, poderão ser superados os desafios básicos na construção de agriculturas sustentáveis, ou seja: fazer um melhor uso dos recursos internos; minimizar o uso de insumos externos; reciclar e gerar recursos e insumos no interior dos agroecossistemas; usar com mais eficiência as estratégias de diversificação que aumentem o sinergismo entre os componentes-chave de cada agroecossistema.

Dessa forma, o alicerce da agroecologia se baseia na relação que as comunidades tradicionais têm com o meio ambiente, por isso deve ser construído renovando os valores da sociedade, na busca da ética e do respeito por todas as formas de vida na Terra. Sabemos que todos têm um papel a ser desenvolvido nos ecossistemas.

Na busca de fortalecer o movimento agroecológico, no entendimento e no domínio de técnicas de produção de alimentos sem pesticida, o acesso a uma alimentação saudável para sociedade, evitando futuros gastos com medicação para a cura de doenças decorrentes do consumo de alimentos envenenados, a Agroecologia

vem da observação do meio ambiente; na união do conhecimento tradicional com a ciência moderna, trazendo ganhos imensuráveis para o entendimento das ciências naturais e o entendimento do meio onde vivemos, onde o homem não é dono do meio e sim parte dele, coexistindo com outras espécies.

A partir desse estudo e da interlocução com os Guaranis, foi possível reconhecer que os processos de regularização fundiária de terras Guarani deveriam prever a criação e delimitação de áreas indígenas contínuas, criando uma gestão participativa, um plano de manejo junto com as comunidades, buscando a fiscalização e reflorestamento das espécies nativas com ampla participação das comunidades indígenas.

Foi entendido que toda a vida dos Guaranis está envolvida em rituais místicos, em que, mesmo dormindo, eles estão a transitar por outros mundos, planos; a buscar respostas para problemas do cotidiano, em uma vida espiritual constante; valorizando cada momento dado, respeitando e vivenciando o que é imposto na realidade atual e nas conjunturas da região, mas não deixando de ser Guarani e passando esses ensinamentos para seus filhos.

Esses ensinamentos são transmitidos oralmente, onde se vive intensamente o elo entre o mundo espiritual e a natureza do cotidiano, que mesmo após muitos séculos de devastação de suas áreas e degradação de sua cultura, vivem fortes, falando a língua e reproduzindo seu modo de vida.

O manejo dos recursos naturais está relacionado diretamente com a cultura Guarani onde ele se enxerga na própria natureza, existindo uma intimidade, um respeito e cuidado para com o meio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas características culturais dos Guaranis, é fundamental garantir terras saudáveis para as futuras gerações dos Guaranis. Em seus depoimentos é forte a procura do Tekoa⁸, a busca da terra sem mal.

A manutenção da cultura Guarani está enraizada na expressão oral específica

⁸ Tekoa significa em Guarani "terra sem males", mas em seu sentido amplo remete a busca dessa terra, explicando as andanças que os Guaranis fazem por um território muito extenso.

desse povo, passada de geração para geração; é comum o uso de plantas medicinais para a cura dos males e doenças de pessoas e animais.

Os Guaranis realizam práticas agroecológicas para a produção de alimentos e preservação do ambiente, apesar das situações edafoclimáticas impostas adversas.

O desenvolvimento territorial das cidades vai continuar e o aumento populacional é um fato para as próximas décadas. Com isso, segue a preocupação de garantia de recursos naturais para todos. As consequências da má administração e relação ao meio ambiente que nos cerca, pode custar um grande preço para as futuras gerações, com a falta de água de qualidade e de terras produtivas devido à grande quantidade de agrotóxicos usados na produção de alimento, na pecuária extensiva, extração de minérios, barragens, desmatamento, a dependência do combustível fóssil, entre outros fatores.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. Agroecología: principios y estrategias para una agricultura sustentable en América Latina del siglo XXI. In: MOURA, E. G. de. **O desenvolvimento rural como forma de aplicação dos direitos no campo**: princípios e tecnologias. São Luís:UEMA, 2006. p. 83-99. (Série Agroecologia).

ALVES, R. N. B. **Características da agricultura indígena e sua influência na produção familiar da Amazônia**. Belém: EMBRAPA Amazônia Oriental, 2001. 20p. (Documentos, n. 105).

ANDERSON, A. R.; POSEY, D. A. Reflorestamento indígena. **Ciência Hoje**, Amazônia, v. especial, p. 6-12, 1991.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRIEGER, F. G.; PATERNIANI, J. T. A.; BLUMENSCHIEIN, A.; ALLEONI, E. M. R. **Races of maize in Brazil and other eastern South American countries**. Washington: National Academy of Sciences, 1958. 593p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.agroeco.org/socla/archivospdf/Agroecologia-Conceitos%20e%20princípios1.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE – CONAMA. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <www.mma.gov.br/conama/>. Acesso em: 05 mar. 2012

CRISTINA, D. O. C.; BORGES, L. C. **Pajelança, meio ambiente e cotidiano**: interação dos pajés com a natureza – Cachoeira do Arari, PA. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10336.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2012.

FARES, J. A. **Cartografias Marajoaras**: cultura, oralidade, comunicação. 2003. 248f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

FELIPIM, A. P. **O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho**: um estudo de caso na aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, município de Cananéia, SP. 2001. 210f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, SP, 2001.

FRIKEL, P. Agricultura dos índios Mundurukus. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 4, 1959. 35p.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI. **A origem dos povos americanos**. Disponível em: <www.funai.gov.br/index.html>. Acesso em: 21 jan. 2012.

LADEIRA, M. I. **Mbya**. 2001. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya/print>>. Acesso em: 21 jan. 2012.

LÉRY, J. **Viagem à Terra do Brasil**. Tradução Sérgio Milliet. [s.l.]: Biblioteca do Exército, 1961. 279p. (Coleção General Benício, v. 5).

MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. Pajelança e encantaria amazônica. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 8., 1998, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: [s.n.], 1998. Disponível em: <www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/pq01-3.doc>. Acesso em: 19 jan. 2012.

MELLO, F. C. A. T. R. **Seguindo pela estrada: uma investigação dos deslocamentos territoriais realizados por famílias Mbyá-Guaraná no Sul do Brasil.** 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

NEVES, A. N. Pesquisa qualitativa: característica, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

NIMUENDAJÚ, C. Social organization and beliefs of the Botocudo of Eastern Brazil. **Southwestern Journal of Anthropology**, Albuquerque, n. 2. 1946.

NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Tekó.** 1993. 488f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, RS, 1993.

NOUGUEIRA-MARTINS, M. C. F. **Humanização das relações assistências: a formação 32 do profissional de saúde.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PEDRI, M. A. **A dinâmica do milho (*Zea mays* L.) nos agroecossistemas indígenas.** 2006. 86f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, SC, 2006.

RIBEIRO, B. G.; KENHIRI, T. Chuvas e constelações: o calendário econômico dos índios Desana. **Ciência Hoje**, v. 6, n. 36, p. 26-35, 1987.

ROCHA, G.; TOSTA, S. P. **Antropologia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, H. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, jul./dez. 2009.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da Cultura Guarani.** São Paulo, SP: USP, 1954. 216p. (Boletim n. 188).

SCHMIDT, C. B. **O milho e o monjolo**. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1967. 153p. (Documentos da Vida Rural, n. 20).

STUMPF, B. O. **Percepções indígenas sobre ambiente e educação ambiental: experiência etnográfica em uma aldeia Guarani**. IECAM - Instituto de Estudos Culturais e Ambientais. Disponível em: <http://iecam.org.br/img/image/file_50d3689093cb2.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.

TOLEDO, V. M. Indigenous knowledge of soils: an ethnoecological conceptualization. In: BARRERA-BASSOLS, N.; ZINCK, J. A. **Ethnopedology in a worldwide perspective**: na annotated bibliography. The Netherlands: ITC Publiation, 2000. p. 1- 9.

Recebido em: 04 de março de 2013

Aceito em: 13 de junho de 2013